



EM ESPERA

em espera: reflexões sobre um processo artístico, pessoal e social / thoughts on an artistic, personal and social process

Filipa Branco Jaques em conversa com / in conversation with Raquel Ribeiro dos Santos

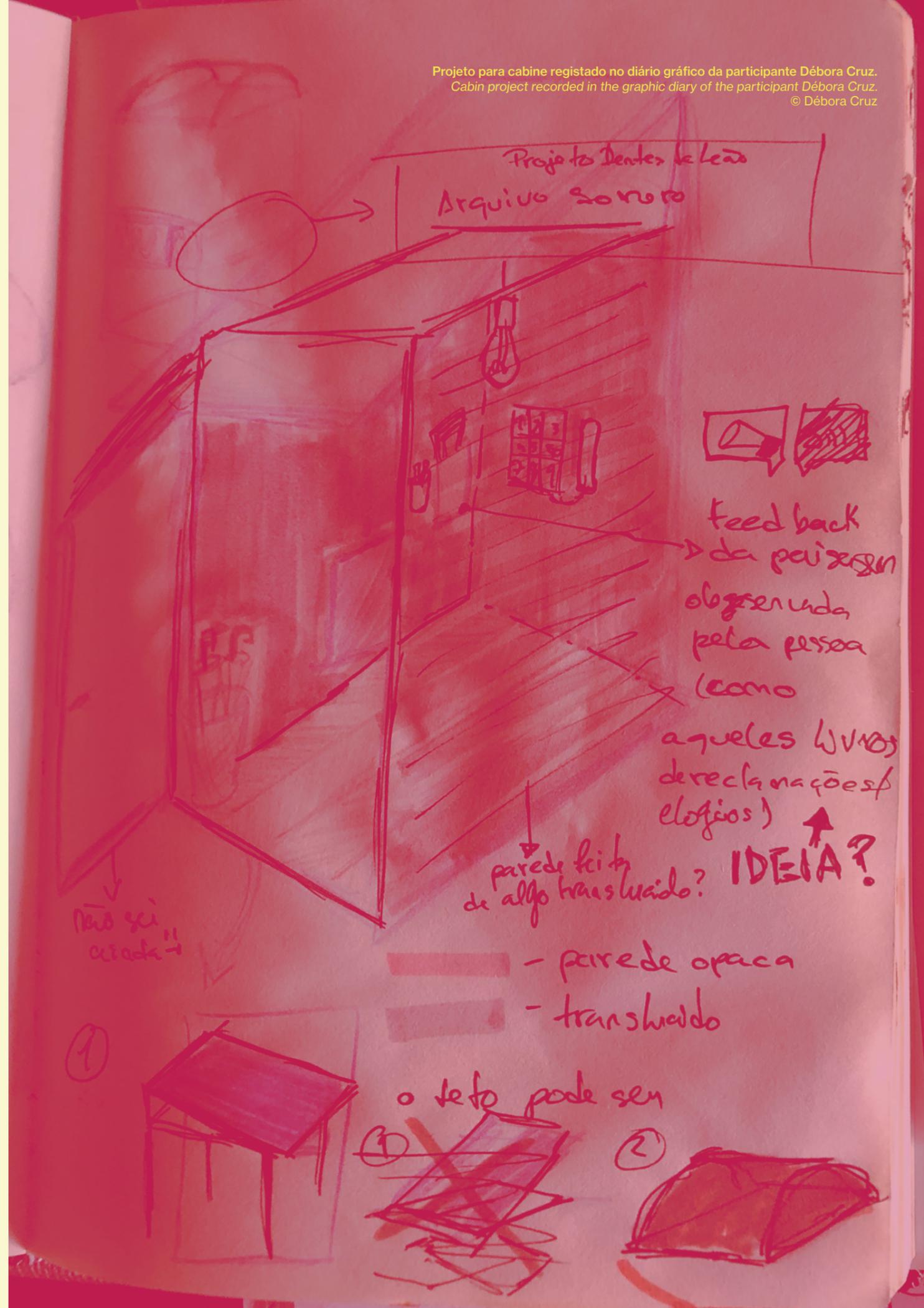
Foi um verdadeiro gosto entrevistar a Filipa. Começámos por falar de blocos: de uma geometria de projeto muito fechada e de uma ideia de bolha. De bolhas de segurança (de parte a parte) e de bolhas que eventualmente rebentam (porque, afinal, eram de todos). Depois, falámos da chegada do mistério: que, neste projeto, veio sob a forma de jovens. Normalmente, os jovens não trazem mistério. Aqui, eles foram essa figura misteriosa. E há, juntamente com o mistério, um certo espanto. Podíamos ter dito que eles rebentaram a bolha, abrindo – juntamente com o coletivo dos artistas – a percepção de que o projeto ia sendo, ou já era, de todos. Depois de uma ideia de incompreensão, passou-se a uma zona de conforto e a um espaço de segurança que era proposto por uma comunicação diferente, uma comunicação com código próprio: o som. Falámos de como estarmos juntos foi um desafio que se aceitou. E, nesse processo de aceitação de que se é parte integrante do projeto, deu-se um deslumbramento. Falámos de porosidade e de como estas bolhas se contaminam e, na verdade, podiam ser uma só. Mas falámos também de que o grau de envolvimento depende de cada um. Falámos de sermos timoneiros – mesmo quando não temos noção disso – e da importância de se ir liderando o processo e acelerando. Pensámos o coletivo como desafio, os amigos como portas de entrada e os territórios como redes de contactos. Abordámos a aprendizagem como substrato que se infiltra. Aprendemos a aprender com os outros, lidando com os seus materiais e as suas técnicas. Terminámos a falar de aceitação: de aceitar a insegurança e a solidão e de aprender que é na firmeza dessa insegurança partilhada, nesse processo de solidão partilhado, que se começa um processo pessoal num coletivo.

Raquel Ribeiro dos Santos

It was a real pleasure interviewing Filipa. We started by talking about blocks: about a very closed project geometry and an idea of bubble, about safety bubbles (on both sides) and bubbles that end up bursting (because, after all, they belonged to everyone). We then talked about the arrival of the mystery, which, in this project, showed up in the form of youngsters. They usually don't bring along any mystery. Here, they were that mysterious figure. And together with the mystery there's a certain wonder. We could have said that they burst the bubble, thus opening, along with the collective of artists, the perception that the project was starting to belong – or already belonged – to everyone. After an idea of misunderstanding, we moved to a comfort zone and to a safe space that was suggested by a different communication, one with its own code: sound. We talked about how being together was an accepted challenge. And in that process of accepting that one is part and parcel of the project there was dazzle. We talked about porosity and how these bubbles contaminate one another and could in fact be one. But we also talked about how the degree of involvement depends on each one. We talked about being helmsmen, even when we're not aware of it, of the importance of keeping on leading the process and accelerating. We thought of the collective as a challenge, friends as gateways, and territories as contact networks. We addressed learning as a substrate that creeps in. We learned how to learn from others, dealing with their materials and their techniques. We concluded by talking about acceptance: accepting insecurity and loneliness, and learning that a personal process in a collective starts in the firmness of that shared insecurity, in that shared process of loneliness.

Raquel Ribeiro dos Santos

Projeto para cabine registado no diário gráfico da participante Débora Cruz.
Cabin project recorded in the graphic diary of the participant Débora Cruz.
© Débora Cruz



DO PROCESSO INDIVIDUAL AO PROCESSO COLETIVO

Fico contente por ver concretizada a recolha de materiais e críticas sobre o processo artístico. Teria sido interessante começar mais cedo: estaríamos mais atentos e poderíamos ir apontando algumas coisas que seriam importantes para uma reflexão final sobre o projeto no seu todo. Como artista, estou habituada a trabalhar sozinha. Mas nem o meu próprio processo individual de trabalho consigo definir exatamente, porque o adapto de acordo com o objetivo. Na música, por exemplo, costumo ser muito espontânea: tenho uma ideia, aponto, mais tarde volto a essa ideia, tento fazer qualquer coisa com ela. Às vezes, funciona; outras vezes, não, deixo cair, pego mais tarde, abandono. É tudo muito orgânico. Se, por outro lado, eu tiver de criar um trabalho mais documental, tenho de pesquisar, começando pela teoria e, depois, indo para a prática. É, portanto, um processo adaptável. No *em espera*, como estava a trabalhar com outras pessoas e sempre considerei que fazer parte daquele grupo de artistas significaria trabalhar com eles, nunca pus de parte a participação de outros. Foi a vontade de trabalhar o som – que faz parte dos meus interesses pessoais e artísticos – que, por falta de semelhantes, acabou por deixar este projeto mais isolado em relação às restantes propostas, que eram mais interdisciplinares. Depois, vieram os jovens! E os jovens foram uma peça-chave, um desbloqueador essencial, contribuindo com ideias de exercícios e propostas de resolução de problemas e participando ativamente nas várias etapas de concretização do projeto *em espera* (recolha de sons, seleção, triagem, edição, curadoria). Ao longo dos trabalhos iniciais entre artistas (nos laboratórios e residências artísticas), começámos a desenvolver afinidades. Isso deu-nos a sensação de que estávamos a trabalhar como coletivo, mas que faltavam os jovens. Ainda assim, esse início mais solitário foi uma chave importante para nos darmos a liberdade de produzir, livre e espontaneamente, sem grande compromisso, e só depois solicitar a contribuição dos jovens. Para mim, chegarmos à conclusão de que queríamos ser um coletivo de artistas (e não vários artistas a trabalhar individualmente) deu-me alguma segurança. Comecei, em abril, com uma recolha de histórias que surgiram da primeira residência. Foi algo que me interessou e fui fazendo. Fui seduzida pelas histórias das pessoas da terra da mesma maneira que o Eduardo Freitas se interessou pelos moldes cerâmicos das laranjas e o Rodrigo Pereira se interessou pelas questões sociais e políticas. No fundo, cada um dos artistas esteve sempre a fazer algo que lhe era particular, que resultou nos projetos artísticos que conhecemos agora e que contri-

FROM THE INDIVIDUAL PROCESS TO THE COLLECTIVE PROCESS

*I'm glad to see that the gathering of materials and critics on the artistic process has been carried out. It would've been interesting to start earlier: we would've paid more attention and we could've pointed out a few things that would've been important for a final analysis of the project as a whole. As an artist, I'm used to work by myself. But I can't even accurately define my own individual work process, because I adjust it according to the goal. As far as music is concerned, for example, I tend to be very spontaneous: I have an idea, I take note, I later return to it, I try to make something with it. Sometimes, it works; sometimes, it doesn't, I drop it, I pick it up later, I let go. Everything is pretty organic. On the other hand, if I have to create a more documentary work, I must research, starting with theory and then moving to practice. So it's an adjustable process. In *em espera*, since I was working with other people and I always thought being part of that group of artists would mean working with them, I never set aside the participation of others. It was the desire to work with sound (which is a personal and artistic interest of mine) that, for lack of anything similar, ended up leaving this project more isolated in relation to the other proposals, which were more cross-disciplinary. Then came the youngsters! And they were a key element, an essential unblocking agent, contributing with ideas for exercises and proposals to solve problems, and actively participating in the several stages of the project *em espera* (gathering sounds, selecting, sorting, editing and curating). During the initial work between artists (in the labs and artistic residencies), we started developing affinities. It made us feel that we were working as a collective, but that the youngsters were missing. Even so, that lonelier beginning was important to give ourselves the liberty to freely and spontaneously produce without much of a compromise, and only then asking the youngsters for their contribution. As far as I'm concerned, coming to the conclusion that we wanted to be a collective of artists (and not several artists working separately) gave me some confidence. I started in April with a collection of stories that emerged from the first residency. It was something that interested me and that I continued to do. I was seduced by the stories from the locals in the same way that Eduardo Freitas became interested in the ceramic moulds of oranges and Rodrigo Pereira in the social and political issues. At bottom, each artist was always doing something specific to her/him, which resulted in the art projects that we now know and contributed to get us to where we are, be it as a group of artists or as Dentes de Leão.*

buíram para chegarmos onde estamos, seja como grupo de artistas, seja como Dentes de Leão. No primeiro mês do projeto, os jovens foram quase como um elemento mistério. Tínhamos estado juntos no fórum de abertura (em janeiro) e só nos reencontrámos em fevereiro, altura em que o Hugo Lopes e a Maria Abrantes prepararam um exercício em duas sessões na Culturgest. Até ali, a preocupação dos artistas era identificar o que é que os jovens poderiam querer. A ideia inicialmente lançada pelo Hugo veio abrir possibilidades. Em retrospectiva, parece simples e evidente a ideia de reunir com os jovens, mas, até então, ainda não se tinha pensado nessa hipótese. A partir daí, fui estreitando laços com os vários jovens. Apesar de lamentar que alguns – por diferentes razões – tenham desistido, quem foi ficando foi essencial para os projetos. Foi curioso tê-los acompanhado desde o início. Eram três grupos de jovens (de Lisboa, Évora e Sardoal) completamente díspares, tinham formas de estar e pensar diferentes. Próximo do final do projeto, contudo, já se sentia uma certa unanimidade. De facto, já eram um único grupo: um grupo de jovens. A equipa de mediação fez um trabalho incrível: com um grupo tão grande, foi bom encontrarmos um chão comum e termos um leque semelhante de referências, compreendendo a linguagem de uns e de outros e evitando mal-entendidos. Olhando para trás, tudo aquilo que fiz com eles para chegarmos ao resultado final faz-me reconhecer que estive sempre muito focada em garantir que este se concretizava. Queria trazer para o projeto uma zona de conforto, promovendo o arquivo sonoro como um espaço de segurança em que comunicamos através do som. E foi só depois da Antónia Honrado ter partilhado, no final do projeto, que os jovens estavam muito confortáveis e ligados ao *em espera*, é que me apercebi de que tinha criado uma relação. Eu não tinha essa noção. Mas, agora, compreendo que tê-los convidado a participar em tantas fases do projeto permitiu que se envolvessem mais e sentissem que podiam partilhar e participar quando quisessem.

*During the first month of the project, the youngsters were almost like a mystery element. We had met in the opening forum (in January), and we only got back together in February, when Hugo Lopes and Maria Abrantes put together a two-session exercise at Culturgest. Up to that point, the artists worried about identifying what the youngsters might want. The idea initially put forward by Hugo opened up possibilities. In retrospect, the idea of getting together with the youngsters seems simple and obvious, but up to that point no one had thought of that possibility. From that moment on, I started strengthening ties with the several youngsters. Despite feeling sorry that some, for different reasons, gave up, those who stayed were critical for the projects. It was interesting following them from the beginning. These were three completely disparate groups of youngsters (from Lisbon, Évora and Sardoal) with different ways of being and thinking. As the project was coming to an end, however, one could already sense some unanimity. They had in fact become a single group: a group of youngsters. The mediation team did an amazing work: with such a large group, it was good to find common ground and to have a similar spectrum of references, understanding each other's language and avoiding misunderstandings. Looking back, everything I did with them to get to the end result forces me to acknowledge that I was always very focused on making sure it was accomplished. I wanted to bring a comfort zone to the project, presenting the sound archive as a safe space in which one communicates through sound. It was only after Antónia Honrado let me know, at the end of the project, that the youngsters were very comfortable with and linked to *em espera* that I realised I had established a relationship. I wasn't aware of that. But I now understand that inviting them to take part in so many stages of the project allowed them to get more involved and to feel they could share and participate whenever they wanted.*



ALGUNS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS ARTES PARTICIPATIVAS EM TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL

Este é um projeto de artes participativas, não é um projeto de artes comunitárias. Contudo, inevitavelmente, tendo trabalhado em três territórios diferentes, houve relações que foram criadas.

No Sardoal, foi mais fácil, pela sua dimensão: é uma terra pequena, onde toda a gente se conhece e toda a gente sabe o que se passa. No início, éramos “os artistas”, estranhos à comunidade, mas, aos poucos, começámos a ser incluídos nesta rede. Foi um florescer muito bonito entre a comunidade Dentes de Leão e a comunidade local. Olhavam-nos sempre com muita curiosidade, uma curiosidade genuína. Estavam prontos para ouvir e, claro, para partilhar entre si. É fantástico que haja essa relação de proximidade. Fizemos amizades, conhecemos elementos da família do Hugo. Foi mesmo muito interessante.

Évora tem uma escala diferente, é como uma vila grande, mas todos se conhecem. Na rede artística, são sempre as mesmas pessoas. Sei que foram criadas relações, mas o meu envolvimento mais próximo foi com o Senhor Martins, o serralheiro da cabine, e o grupo do *_ARTERIA_LAB*.

Colaborar com várias pessoas de diferentes contextos foi desafiante, mas frutífero. Pude contar com ajuda de pessoas que foram fundamentais para a minha orientação e apoio na concretização do projeto assim como o artista convidado Sindri Leifsson, o técnico João Garrido e o artista Pedro Fazenda. Por outro lado, no meu processo de trabalho, tive de recorrer a profissionais cujas áreas (como serralharia, carpintaria, etc.) são quase exclusivamente ocupadas por homens e também tive de lidar com algum conservadorismo neste universo. No entanto, comprometemo-nos mutuamente com as necessidades de cada um e as necessidades artísticas do *em espera* e foi enriquecedor, pois os técnicos destes territórios têm muito a dizer sobre ferramentas, materiais e processos com conhecimentos adquiridos ao longo de anos de trabalho. Aprendi não só novas formas de manusear diferentes materiais como – mais a nível social – a lidar com noções sobre modos de fazer e de saber fazer.

Como sou de Évora, talvez não tenha sentido tanta necessidade de criar uma nova rede de contactos, talvez me tenha sentido à vontade para ceder nesse aspeto. Mas sei que os artistas que vieram de fora – e que estiveram em Évora da mesma forma que eu estive no Sardoal – fizeram parte e tiveram impacto na comunidade geral de Évora.

Estar com pessoas que nos parecem tão semelhantes, mas simultaneamente diferentes de nós, a nível humano, de forma geral, foi uma aprendizagem muito forte e, inevitavelmente, intensa. Não

A FEW CHALLENGES AND OPPORTUNITIES FOR PARTICIPATORY ARTS IN LOW DENSITY TERRITORIES

This is a participatory arts project, not a community arts project. Inevitably, however, having worked in three separate territories, relationships were established.

It was easier in Sardoal given its size: it's a small village, where everyone knows one another and what's going on. At first, we were “the artists”, foreign to the community, but little by little we started to be included in this network. It was a very beautiful flourishing between the Dentes de Leão community and the local community. They always looked at us with great curiosity, true curiosity. They were ready to listen and, of course, share among them. It is great to have that close relationship. We made friends, we met some of Hugo's family members. It really was very interesting.

Évora is different in scale, it's like a big village, but everyone knows one another. As far as the art sphere goes, it is always the same people. I know relations were established, but my closest involvement was with Mr. Martins, the cabin's blacksmith, and the group from *_ARTERIA_LAB*.

Working with several people from different contexts was challenging, but fruitful. I was able to rely on the help of people who provided key guidance and support as I carried out the project, as well as on the invited artist Sindri Leifsson, technician João Garrido and artist Pedro Fazenda. In my work process, on the other hand, I had to resort to professionals whose areas of expertise (such as blacksmithing, carpentry, etc.) are almost exclusively taken up by men, and I also had to deal with some conservatism in that universe. Nevertheless, we mutually committed to each other's needs and to the artistic needs of *em espera*, and it was enriching, since the technicians from those territories have a lot to say about tools, materials and processes, as well as knowledge acquired over the course of years of work. I not only learned new ways of handling several materials, but also (more on a social level) how to deal with notions about ways of doing and know-how.

Since I'm from Évora, I might not have felt that much need to create a new contact network, I might have felt at ease giving in in this respect. But I know the artists who came from outside, and who were in Évora like I was in Sardoal, integrated into and impacted the wider community of Évora.

Being with people who seem so similar to us on a human level, but at the same time different, was a rather strong and inevitably intense learning experience in general. Not only because of the challenge, but also because it caused an overwhelming feeling of insecurity. The inner process of (simply) accepting that I have the right to be here, like everyone

só pelo desafio mas também porque me trazia uma sensação de insegurança avassaladora. O processo interior de (simplesmente) aceitar que tenho o direito de estar aqui – tal como as outras pessoas – e que estamos “no mesmo barco” (ainda que em diferentes zonas do barco) foi um processo pessoal que me marcou muito no projeto. As primeiras residências foram pontuadas por alguma insegurança, por alguma sensação de solidão e tristeza, mas também de aprendizagem. Foi importante estar atenta a vários critérios de trabalho, por muito insignificantes que possam parecer, estar mais atenta ao detalhe e a valorizar que, às vezes, é preciso uma reação mais rápida. De facto, há coisas que são urgentes e que precisam de ser trabalhadas sem deixar passar o tempo.

PENSAR O FUTURO, COLETIVAMENTE

Em novembro de 2022, o futuro ideal passaria por, no imediato, não fazer projetos artísticos participativos. São exigentes a vários níveis e em várias áreas da vida de várias pessoas. Em março de 2023, já acho que estou preparada para embarcar numa nova aventura. Com base naquilo que vivi e naquilo que aprendi, reconheço que, quantas mais vezes participar neste tipo de projetos, mais irei aprender e mais oportunidades terei de criar outras peças colaborativas e de alargar a minha rede de contactos.

else, and that we're “on the same boat” (even if in different areas of the boat) was a personal process that really left an imprint on me in this project. The first residencies were marked by some insecurity, a certain feeling of loneliness and sadness, but also learning. It was important to pay attention to several work criteria, as insignificant as they may look, to pay more attention to detail and to realise that sometimes you need to react more promptly. There are in fact things that are urgent and need to be worked on without delay.

THINKING THE FUTURE, COLLECTIVELY

In November of 2022, the ideal future would involve not engaging in participatory art projects right away. They're demanding on several levels and areas of life of different people. In March of 2023, I believe I'm already prepared to embark on a new adventure. Based on what I've experienced and on what I've learned, I admit the more I participate in this type of projects, the more I'll learn, and the more chances I'll get to create other participatory works and to broaden my contact network.



Apresentação durante o Fórum Dentes de Leão, na Culturgest, em Lisboa. Janeiro de 2023.
Presentation during the Dentes de Leão Forum at Culturgest in Lisbon. January of 2023.
© Nuno Direitinho